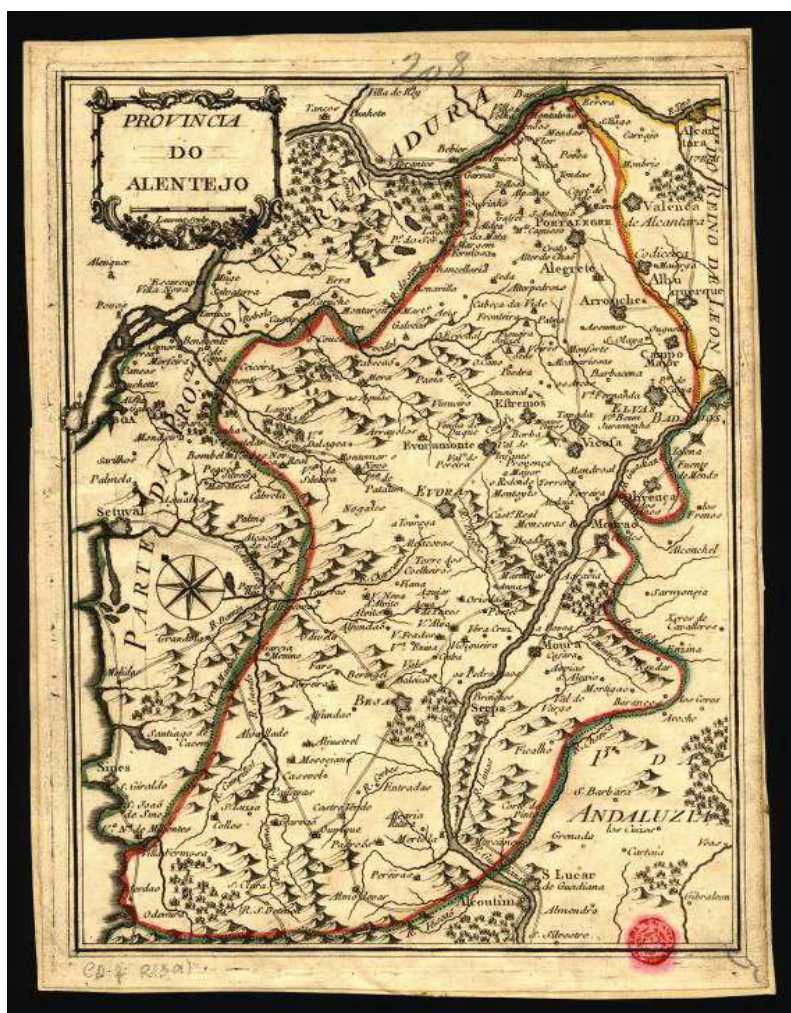


Trail 1 Viagens e Viajantes

O Sul de Portugal e as ligações com o Mediterrâneo

A ideia da Viagem sempre povoou o imaginário dos povos, pelas mais diversas razões (militares, de aventura, simples curiosidade) e em diversas circunstâncias, mesmo que essa viagem fosse simplesmente imaginária. O contacto com outros povos e lugares, com outras realidades correspondendo a tempos distintos, é uma constante na história dos povos, constante esta a que a Literatura daria importâncias díspares, também de acordo com os tempos históricos: os relatos de viagens tornaram-se *best-sellers* em finais do século XVIII, tendo a viagem, na altura, um papel crucial na formação/educação. Além da simples descrição, os viajantes setecentistas estavam atentos à riqueza das regiões (minas, indústrias), à agricultura dos territórios e à circulação de mercadorias, aos aspectos políticos (governo central e local) e intelectuais (universidades, culto das artes e letras, visitas a palácios), anotavam singularidades, visitavam bibliotecas e especialistas, falavam com as populações: buscavam, visitavam, perguntavam, julgavam, discorriam, tratavam e falavam.

São estes relatos a base da nossa proposta de uma *revisitação* aos lugares do Sul, propondo para o Alentejo a *redescoberta* e valorização das rotas traçadas por estes viajantes, ao longo do tempo histórico, e que nos ajudam a entender a mudança e a permanência em termos de património, de comércio, em suma, do conteúdo material e do conteúdo intangível de uma Cultura tão próxima dos valores mediterrânicos, e que, por isso mesmo, os fascinou ao longo da História. A sua apresentação seguirá um critério cronológico, de acordo com as datas dos relatos seleccionados.



Laurent, 1700.

Destacamos ainda, além das rotas e percursos apresentados, os seguintes:

No **século XV**, a **rota da Embaixada do Rei Jorge da Boémia a D. Afonso V** em 1466.

No **século XVI**, a **rota da Princesa D. Maria de Portugal**, em 1543; em **1571**, a **rota da Embaixada do Papa Pio V a D. Sebastião**, em 1571. Em 1590, a **primeira Embaixada de japoneses à Europa**.

No **século XVII**, destacam-se ainda as rotas de **François de Tours (1699-1700)**, e de **Frederic de Merveilleux**.

No **século XVIII**, século dos relatos de viagens por excelência, mercê da conjuntura intelectual e mental, o Sul conheceu ainda, além das rotas destacadas, as visitas de **Giuseppe Baretti (1761-1765)**, de **Pérez Bayer (1782)**, de **James Murphy (1789-1790)**, de **Robert Southey (1795-1796)** e de **Heinrich Friedrich Link e Haffmansegg-Bemerkungen (1797-1800)**.

Rota de Antonino Augusto (Lisboa-Mérida, 151 milhas)

Percurso: Olisippo, Equabona, Salácia Imperatoria, Liberalitas Jvlia, Helve, Evandrina, Emerita Avgusta.

Equabona (Coína) situava-se a 3 léguas de Lisboa. Por este caminho, havia também possibilidade de ligação a Cetóbriga (Setúbal) e às suas marinhas de sal. No caminho para Évora, ficava Salácia (Alcácer do Sal), localidades que distavam entre si 44 milhas.

O percurso seguia no sentido de uma povoação na margem do rio Gévora ou Guadiana e, 12 milhas depois, chegava-se a Dipone, onde se seguia para Mérida, via Evandrina ou Evandria.



Mapa da Lusitânia Antiga com a sua correspondência moderna, pelo geógrafo D. Juan Lopez, 1789

Rota de Édrisi [Abu-abd-Allah-Mohammed-ben-Edris-al-Hamudi], 1099 – 1164

Percurso: Lisboa, Santarém, Alcácer do Sal, Évora, Mértola, Elvas, Badajoz.

O discurso deste geógrafo, além de pormenores de natureza mais técnica, como as distâncias entre as populações, está também povoado de apreciações em relação às localidades que atravessa: *“Al-Caçr é uma bonita cidade de tamanho regular, construída na margem do Chetoubar, grande rio navegado por muitas embarcações e navios de commercio. Pinhaes cercam a cidade por todos os lados; constroem ahi muitos navios. (...) De al-Caçr ao mar contam-se 20 milhas; de al-Caçr a Yeborah duas jornadas. Esta cidade é grande e bem povoada. Está rodeada de muralhas, tem castello forte e uma mesquita principal. Os campos que a cercam são de singular fertilidade; produz trigo, animais, toda a qualidade de fructas e legumes. É uma região excellente onde o commercio é vantajoso tanto em objectos de exportação como de importação.”*



Rota de Filipe II, 1622

Percurso: Elvas, Estremoz, Montemor-o-Novo, Lisboa.

A viagem é relatada por João Batista Lavanha, na altura cronista-mor de Filipe II.

Desde Espanha (Madrid, Trujillo, Mérida, Badajoz), o rei entrou em Portugal pela fronteira do Caia, tendo seguido no sentido da capital e arredores (Almada, Lisboa, Sintra, Setúbal, Palmela, Salvaterra, Almeirim, Santarém, Tomar, Tancos). Regressou a Espanha por Ponte de Sôr, Alter do Chão, Arronches e Campo Maior, passando depois a Badajoz.

Na descrição da viagem do monarca há uma preocupação especial: a de descrever o aparato das recepções régias em cada uma das localidades, sinal de homenagem e da aceitação do rei que personificava a monarquia dual. O caso de Évora é um dos que simboliza essas faustosas recepções ao rei e à sua comitiva.



Pedro Álvares Seco, 1606

Rota de Cosme de Médicis, Duque da Toscana, 1669

Percurso: Campo Maior, Elvas, Borba, Vila Viçosa, Estremoz, Evoramonte, Évora, Montemor-o-Novo e Setúbal.

Esta visita ocorreu num período pouco depois da Guerra da Restauração, pelo que o Autor revela alguma sensibilidade, na narração, em relação à descrição de praças e fortes; revela ainda a narrativa do Duque alguns sinais de destruição deixados pelo confronto bem como o seu interesse por questões militares:

“Pelo caminho directo de Badajoz a Yelues [Elvas] passa-se o rio Caya, o qual divide a fronteira até entrar no Guadiana começando então este a fazer distinção. Todo o terreno é desigual com insensíveis proeminências e vales pouco profundos. Os campos estão em parte cobertos de ervas e em parte cultivados de trigo, pois que a guerra destruiu as vinhas e os olivais.(...)Em Campo Maior S. A. almoçou no pórtico duma capela fora da praça, e depois deu um passeio ao redor para ver a fortificação.”



Rota de D. Juan Álvarez de Colmenar, década de 40 do século XVIII

Percurso: Évora, Estremoz, Elvas, Portalegre, Olivença, Vila Viçosa, Serpa e Beja.

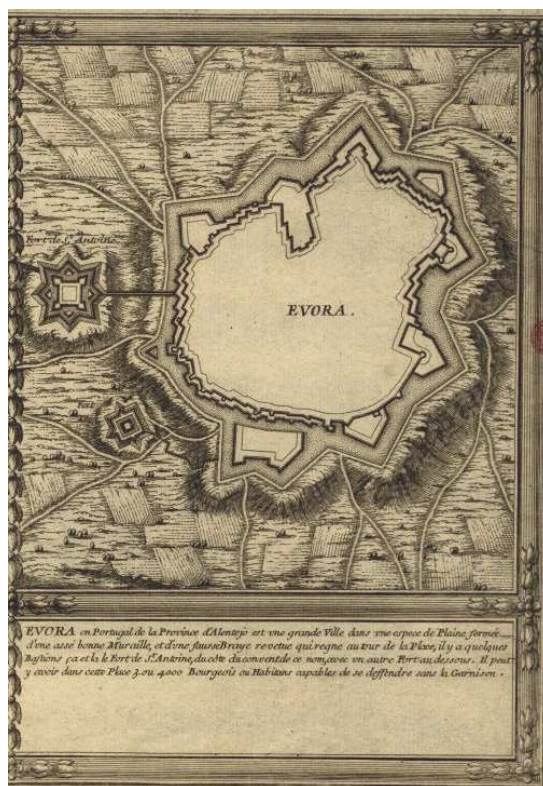
Na sua obra *Délices d'Espagne et du Portugal*, o Autor traça um mapa geral do reino, adoptando um critério de descrição das cidades a partir das províncias onde se localizavam.

Particularizando a sua visão da cidade de Évora, elogia a sua ancianidade, apontando que terá sido construída pelos Fenícios, e que a designaram de *Ebora* porque tal nome significaria os frutos e os proventos da terra, a sua fertilidade. Cidade no coração da província, com bons terrenos, rodeada de montanhas e com minas de prata, salienta ainda a sua *romanidade*: Júlio César deu-lhe o direito de cidade latina, com o nome de *Liberalitas Jvlia*, designação que o viajante terá encontrado numa inscrição aquando da sua visita; Sertório guarneceu-a de boa cintura de muralhas, bem como de um magnífico aqueduto, ficando da presença goda o direito de cunhar moeda, com o rei Sesibuto.

Em relação à cidade que se lhe apresenta, descreve-a essencialmente numa perspectiva militar:

cidade com cerca de 5000 burgueses capazes

de trazer armas, fortificada com treze bastiões e defendida por uma cidadela (forte de Santo António).



A. Coquart, séc. XVII

Rota de William Beckford, 1787

Percurso: Lisboa, Aldeia Galega, Pégões, Montemor-o-Novo, Arraiolos, Estremoz, Elvas.

Este aristocrata inglês era filho do Lord Mayor de Londres, membro da Câmara dos Comuns, de grande poder económico, tanto na Inglaterra como na Jamaica, com grande talento literário, e que visitou Portugal em três ocasiões (1787, 1793-96, 1798). No seu percurso para Sul, descreve a esterilidade da região, onde se exceptuavam alguns troncos enfezados de oliveiras e azinheiras, num percurso de 5 léguas, desde Aldeia Galega, até chegar à estalagem de Pégões, onde repousou. Assou a noite no já citado palácio mandado construir por D. João V em 1728, revelando-se surpreendido pela sua elegância, e não alheando a sua escrita, ao amanhecer, do apreço da paisagem. Passa por Montemor, “*villa construída na vertente d’uma montanha e rodeada de todos os lados de bosquetes de oliveiras*”, segue no sentido de Arraiolos, “*villa feia e antiga*”, mas em que fez “*(...) uma provisão de tapetes para a minha viagem, todos d’um desenho grotesco e de côres retumbantes – producto d’uma fabrica da villa que dá trabalho a 300 operários*”.

O seu percurso dirigiu-se depois no sentido de Espanha: Estremoz, onde se instalou na hospedaria, e depois a cavalo até Elvas, onde admira o forte de Lippe, deixando depois uma imagem paisagística da região, enquanto se dirige para Espanha:

“Passei por intermináveis planícies cheias de arvoredos, cujo verde sombrio dava um tom melancólico aquella região. A uma ou duas milhas de Elvas, a apparencia do campo muda, e torna-se numa vasta floresta de oliveiras, com fontes nos bordos dos caminhos, e avenidas de álamos, que não estavam ainda despojados de folhagem [em Dezembro]. Dominando os seus cimos, as arcarias d’um aqueducto offrecem em perspectiva, d’alguns pontos, o espectro d’uma cathedral góthica caindo em ruínas. As muralhas de Elvas são distribuídas no género dos jardins ingleses – formando passeios deliciosos. (...)”



Coquart, séc. XVII

Rota de Arthur William Costigan (publ. 1787)

Percurso: Cádiz, Vila Real de Santo António, Mértola, Beja, Évora, Vila Viçosa, Juromenha, Estremoz, Elvas

Este oficial irlandês (capitão de infantaria ao serviço de Portugal), era engenheiro de formação. Descreve a sua chegada a Mértola, vindo do Algarve via Guadiana, imponente ao tempo dos romanos, agora “pobre à primeira vista”. Seguiu no sentido de Beja, numa estrada recente, cidade onde realça apenas a sua situação de domínio estratégico, rodeada de solos desérticos, mas que reconhece como potencialmente férteis: o problema era a falta de gente e uma agricultura pouco sistematizada.

Aponta ainda o reconhecimento que na altura havia para a função medicinal dos ares entre Mértola e Beja, recomendados pelos físicos da capital portuguesa, que escolhiam o local pelo seu ar puro, seguindo o mesmo princípio dos ingleses em relação a Lisboa. Já em Évora, passeando na Praça do Geraldo, descreve as arcadas compridas e profundas, com lojas. Do antigo castelo contempla a planura e o seu mau aproveitamento agrícola, apontando como culturas favoráveis a vinha e o trigo, sublinhando o povoamento também um factor de desenvolvimento. Observa alguns ex-libris monumentais da cidade; elogia a copiosa gastronomia, sendo-lhe servido “muito bem chá, manteiga fresca e excelentes natas, coisas que víamos no país pela primeira vez”. Seguiu para Elvas, apreciando-a enquanto guarnição militar, onde foi recebido por um oficial francês, seguindo depois no sentido de Espanha.



Jean Baptiste Nolin, 1700

